

# **SUBJETIVIDADE DOCENTE ANTE A OBJETIVIDADE DAS EXIGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: DA SUBLIMAÇÃO À PSICONEUROSE.**

**Rosimê da Conceição Meguins**

**Universidade Federal do Pará – UFPA, Brasil.**

**[rosimeguins@uol.com.br](mailto:rosimeguins@uol.com.br)**

“Se me perguntares como é a gente daqui, responder-te-ia: Como em toda parte. A espécie humana é de uma desoladora uniformidade; a maioria trabalha durante a maior parte do tempo para ganhar a vida e, se algumas horas lhe ficam, horas tão preciosas, são lhe de tal forma pesadas que busca todos os meios para as ver passar. Triste destino o da humanidade.” (Werther de Goethe).

## **INTRODUÇÃO.**

A condição do homem de ser dotado de razão, de ter consciência, o potencializa a construir história. Sua atividade, enquanto ação desenvolvida para garantia de sua sobrevivência, vai se modificando ao longo dos tempos, transformando a realidade e tranformando a si mesmo. As atividades e as relações que os homens estabelecem entre si na busca da satisfação de suas necessidades tanto materiais, como imateriais, têm origem em duas fontes principais: prazer e necessidade.

O trabalho ainda que sob o comando da necessidade para garantia de sobrevivência pode aliar prazer, se agregar-se a ele uma parte dessa energia presente na natureza humana. Efetivamente isso se dá. Canalizamos um elevado potencial de felicidade para alcançarmos prazer naquilo que determinamos utilidade. Isso só se torna possível ante a dificuldade de vivermos apenas da obtenção de prazer. Mecanismo bastante conhecido por todos nós, a que Freud denominou sublimação.

Assim sendo, subjetividade e objetividade são forjadas no e pelo homem. Suas ações transformam a natureza, tanto interna como externa, imprimem em seu ser uma identidade capaz de por ela reconhecer-se e ser reconhecido. Somos ser em si, mas

materializamo-nos naquilo que fazemos. Sujeito social e histórico com capacidade para determinar os rumos de sua vida. Entretanto, o que dificulta tal realização quando observamos o percurso que o processo civilizatório tomou?

As diferenças apresentadas no modelo de desenvolvimento atingido por diferentes sociedades em função de suas condições concretas, objetivas e subjetivas, e dos diferentes estágios de desenvolvimento cultural alcançado fornecem-nos a impressão de existência de uma identidade própria, peculiar a cada uma. Tal impressão é verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Verdadeira, pois os traços particulares se arranjam de uma maneira específica, o que permite a impressão de existência de uma identidade particular. Mas, é também falsa uma vez que tais arranjos contêm, via de regra, as mesmas características em cuja essência reside a igualdade. De um modo geral, o que atingimos é um nível de indiferenciação que contraditoriamente passa a ser negado pela propaganda ilusionista, tão completa e competentemente desenvolvida, de existência de liberdade, personalidade e subjetividade jamais vista anteriormente.

O caráter determinista biológico, natural, transplantado para quase todas as esferas da vida, acaba por obscurecer o processo histórico evolutivo que transformou formas primitivas desde sua origem até atingir o estado atual em que se encontram.

A educação, enquanto projeto de construção e reconstrução da realidade, de homem e de mundo, ainda que se efetive na esfera da realização, do desempenho, da ação, não prescinde, por este motivo, de auto-reflexão; ou seja, de voltar-se para si. Esta capacidade de refletir sobre si mesmo, enquanto fim da razão humana parece estar atualmente proscrito de nossa experiência, uma vez que tudo é visto como dado na natureza, o que por certo subtrai o caráter histórico da construção de nosso processo de desenvolvimento.

Identificar como se constitui a subjetividade de docentes de Instituições Federais de Ensino Superior a partir das políticas públicas emanadas que impõem a reconfiguração do trabalho docente e da própria universidade brasileira é nosso objetivo geral.

Com base no olhar lançado à concepção que estes trabalhadores possuem acerca das transformações observadas no trabalho que desenvolvem buscamos analisar os

impactos delas decorrentes em sua subjetividade. Para isso aportes de duas bases teóricas serão utilizados: Psicanálise de Freud e Teoria Crítica de Theodor Adorno, Max Horkheimer.

Tomaremos o mecanismo de sublimação como fio condutor para alcançar tal compreensão. Queremos entender sublimação enquanto modo pelo qual impulsos sexuais (que serão mais amplamente definidos a seguir), são influenciados e empregados em atividades culturais possibilitando ao sujeito prestar importante contribuição para a valorização de inúmeros objetos sociais.

Por outro lado, evidenciar o quão tênue este fio se configura, uma vez que na sublimação esse desvio para fins culturais dá a impressão de liberdade de escolha presente no sujeito para deslocar a satisfação em direção a objetos ou alvos não sexuais. Isto por que, caso essa possibilidade não se faça presente, ou seja se o conteúdo sexual for reprimido ou recalcado, ficando represado e esquecido de forma traumática, o que se desencadeia são as psicose.

Então indagamos: Até que ponto nos é dada tal possibilidade de escolha? E quando a fazemos que garantia podemos ter de que alcançaremos os benefícios sociais e culturais esperados? E se formos frustrados em nossa finalidade? Que consequências poderão advir do fato de renunciarmos à satisfação pessoal em favor de bens coletivos que não se realizam?

É disso que passaremos a tratar...

## O TRABALHO E SUAS DIMENSÕES OBJETIVA E SUBJETIVA.

A Psicanálise de Freud constitui-se aparato instrumental importantíssimo neste sentido: evidenciar como, de sua origem até agora, o processo civilizatório instala-se de modo a perpetuar um modelo de dominação que limita, se não reprime, a busca de alternativas que a ele se contraponha. Ressalte-se que a despeito de sua formação acadêmica – Medicina – e pretensão científica de desenvolver uma teoria dos distúrbios mentais terem influenciado sua atitude teórica e prática, Freud ainda assim deixa entrever, por meio de suas hesitações em tomar partido pelo caráter ahistórico dos

processos psicológicos, os fundamentos históricos, sociais e políticos nos quais o indivíduo era conformado no interior da sociedade.

Fica-se com impressão de que a civilização é algo imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas **dificuldades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinada pelas imperfeições das formas culturais que até agora se desenvolveram.** E, de fato, não é difícil assinalar os seus defeitos. (FREUD, 1924, p.640, grifo nosso).

A que se refere Freud quando menciona que ‘imperfeições deste processo conduziram a defeitos’, o que, segundo o autor, ‘não é difícil de assinalar’? Tendemos a admitir ter sido este caráter histórico do processo civilizatório efetivado pelo desenvolvimento do Princípio de Realidade, a partir da repressão dos impulsos primários antes regidos pelo Princípio de Prazer, que colocou a dominação como característica do processo civilizatório. A realidade, que é constituída com base nas esferas tanto objetiva quanto subjetiva, não é natural, muito menos imutável. Freud chama atenção para consequências de ações humanas que, por terem sido adotadas, podem também vir a ser transformadas.

A potencialidade presente no ser humano de transformar tanto sua condição interna quanto externa é o que permite vislumbrar outras possibilidades. A própria concepção freudiana de sublimação auxilia na compreensão desta ligação entre os planos objetivo e subjetivo. Para isso torna-se necessário uma incursão no conceito de sexualidade. Em Um Estudo Autobiográfico, Freud (1924) aponta a natureza dúplice que a ideia de sexualidade alcança em sua obra, indicando que ela

[...]não se liga estritamente aos órgãos genitais, sendo considerada como uma função corpórea mais abrangente, tendo o prazer como sua meta, só secundariamente vindo a servir às finalidades de reprodução, e ainda inclui aquelas pulsões meramente afetuosas e amistosas, às quais o uso comum aplica a palavra extremamente ambígua de ‘amor’. (p. 66-7)

Outra justificativa apresentada por Freud para ampliar a natureza do conceito de sexualidade esta no aspecto, que atribui ter-lhe sido revelado pela pesquisa psicanalítica, “de que todos os impulsos afetuosos foram originalmente de natureza sexual, mas se tornaram inibidos em sua finalidade ou **sublimados** .” (p.76, grifo nosso)

Se conseguirmos ser claros quanto à amplitude que o termo sexualidade assume na concepção freudiana já podemos evitar, de acordo com Freud, uma série de reducionismos que geralmente são associados a essa noção. Passemos então ao processo de sublimação que anunciamos acima.

Para Freud, todos os impulsos afetuosos possuem uma origem comum, a pulsão sexual que é dirigida a um objeto e pode ser atraída para outros alvos não sexuais. Ou seja, “esta condição permite que instintos sexuais possam ser assim influenciados e desviados, permitindo-lhes ser empregados para atividades culturais de toda espécie, para as quais se prestam as mais importantes contribuições.” (idem, p. 67)

As expressões “influenciado” e “desviado” associados à noção de sublimação sugerem a existência de uma energia suscetível de ser deslocada. Laplanche e Pontalis (2001) argumentam que à sublimação associam-se

“atividades humanas que não apresentam qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontram seu elemento propulsor na pulsão sexual que uma vez sublinhada é derivada para um novo objetivo não-sexual e em que visa objetos socialmente valorizados.” (p. 495)

Atividades artísticas e intelectuais enquadram-se nesta definição. Pode-se daí depreender que o trabalho intelectual, como aquele realizado por docentes, também pode ser nela incluído. Não é raro ouvir falar de existência de prazer na realização de atividades laborais. Na docência, esse prazer geralmente está relacionado à satisfação de promover mudanças em si e em outro ser, o aluno.

“[...] é uma relação de dupla transformação entre homem (no sentido de ser humano que cuida) e objeto (no sentido de externo ao homem, o outro que recebe o cuidado). Na medida em que cuida de outrem, o cuidador se transforma, na mesma medida em que transfere para o outro parte de si e vê neste o seu trabalho realizado.” (CODO VASQUES-MENEZES, 2000.p, 12)

Este relação vincula-se aos aspectos subjetivos relacionados ao trabalho. Entretanto este se efetiva em condições concretas que constituem a dimensão objetiva onde ele se realiza e que, de forma direta, também o influencia. Condições que precisam ser analisadas, uma vez que estas interferem não apenas em seu modo de efetivação,

mas promovem de algum modo, o grau de satisfação ou insatisfação que são alcançados.

Aqui torna-se necessário esclarecer o papel que o Princípio de Realidade e por conseguinte o Ego, assumem para a ocorrência da sublimação. Laplanche e Pontalis (Op. cit, 496) ressaltam que Freud considera serem eles os responsáveis pelo deslocamento da energia sexual que se transforma em libido dessexualizada pela sublimação, fazendo com que o Ego, por via desse mecanismo, entre em harmonia com Eros, cuja intenção principal é unir e ligar.

Deste modo, é de se supor que ao deslocarmos energia para fins socialmente valorizados, como pode ser considerado o trabalho educativo desenvolvido por professores, a satisfação seja alcançada ao promovermos transformação no outro. Caso isso não venha a ocorrer um nível de frustração pode ser experimentado e a extensão desse sentimento tende a ultrapassar os limites da ação objetiva, indo inclusive atingir o plano subjetivo.

#### FIM E MEIOS DO TRABALHO EDUCATIVO

O trabalho se materializa no seu resultado, ou seja naquilo que transformamos por meio de nossa ação direta ou indireta. Evidentemente, há especificações e inúmeras diferenças nas distintas formas que o trabalho assume. No caso específico do trabalho docente, para além do que produzimos de mudança no outro ser, há uma relação humana que se estabelece e se configura particular. Professor e aluno convivem por um determinado tempo e em um determinado espaço, o que faz toda a diferença neste caso. O conhecimento que é elaborado e trazido para o contexto educacional não encerra em si o ato educativo.

Acredita-se que a formação educacional ultrapasse o simples domínio e apropriação particular dos conteúdos por um indivíduo. Embora, seja essa apropriação indispensável, podemos considerá-la apenas o que de imediato ocorre para que o sujeito integre no plano individual e na estrutura de sua personalidade condições para integrar-se aos processo sociais que os modelos de sociedade existentes desenvolvem visando contribuir para que uma nova condição sempre se sobreponha. Como se acreditássemos na possibilidade de ser sempre melhor do que estamos e do somos.

Em função desse caráter mediador limitar a constação do resultado final do trabalho pedagógico, geralmente o docente carrega em si o peso de ser visto como modelo e responde a essa exigência com cobranças que são dirigidas tanto a si como àqueles que educa. Isto impõe lidar inúmeros aspectos relacionados ao trabalho: salário, relações hierárquicas, tempo, ritmo, planejamento e organização de tarefas,

Atualmente, em função de mudanças ocorridas na educação superior novas exigências vêm sendo feitas aos docentes que atuam neste nível. A criação de cursos de pós-graduação, aumentou a demanda na esferado ensino e impôs maior envolvimento na pesquisa. A necessidade de produzir, publicar, orientar, avaliar promoveu uma sobrecarga que compromete o trabalho e afeta o educador.

Capaz de avaliar o que faz e como faz, com base nas expectativas que possui, não raro experimenta frustração ao constatar que não consegue realizar de forma satisfatória todas as tarefas que lhe são impostas e muitas vezes se sente obrigado a cumprir com atividades meio em detrimento daquelas que se configuram em finalidade de sua ação.

Para manter tal dissociação entre o que buscam e o que conseguem alcançar são submetidos à avaliação de desempenho com base em critérios quantitativos, o que inverte a lógica inerente à formação humana. Tal imposição é engendrada por intermédio de diversos mecanismos. Avaliação condiciona à permanência em programas de pós-graduação, uma vez eu pode comprometer o ranqueamento do programa e até o descredenciamento do mesmo. Em situações extremas pode servir como critério para progressão na carreira.

Pode ser que alguns considerem o termo imposição um exagero. Entretanto, sabemos que docentes, que não se vincularam aos programas de pós graduação, por decisão própria, são considerados como improdutivos e, até mesmo como, incapazes.

Diante do conflito, distintas são as saídas. A última acima citada é de não aderir aos apelos para acomodar-se à nova ordem, o que não representa estar livre das pressões. Haja visto os julgamentos realizados.

Outra possibilidade é valorizar os meios em detrimento dos fins do trabalho docente. Diante da frustração em se conduzir pela sublimação, por não ser mais possível vislumbrar uma formação humana dentro dos padrões anteriormente concebidos pode ocorrer o desenvolvimento de um processo que resulta do narcisismo denominado por Freud de Ideal de Ego, em sua obra *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1992, 26-7). Laplanche o define como:

“Instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o sujeito procura conformar-se (Op.Cit. p. 222)

O autor enfatiza a presença de dois aspectos, o ideal e a interdição, o que levou D. Lagache a sugerir uma relação estrutural entre superego e ideal de ego na qual: “...o superego corresponde à autoridade e o ideal do ego à forma como o sujeito deve comportar-se para corresponder à expectativa da autoridade” (apud LAPLANCHE, idem, 223-4). Deste modo o superego assume a função da interdição e, através do Ideal do Ego, avalia o Ego em suas aspirações.

Aqui cabe mencionar que o controle da atividade docente incluindo sua avaliação é feita a partir de fora, por agências de fomento. No caso do Brasil, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, invertendo-se pela nova ordem, autonomia por heteronomia.

Submeter-se às exigências de modo a atender às expectativas da autoridade igualmente não assegura posição confortável. Isto se dá em função de que, cada vez mais aumenta o nível de exigências, que se estruturam com base na competição e no individualismo. Decorre daí, um narcisismo exacerbado que ao elevar as exigências do ego promove ao mesmo tempo um fator mais poderoso de repressão e um processo que pode desencadear psiconeuroses, particularmente a narcísica. Uma vez que tais instâncias concorrem para o desenvolvimento de um modelo para a melancolia.

Na medida em que o investimento objetal permanece o mesmo, na melancolia podemos inferir que a idéia de hemorragia interna, metáfora colocada por Freud no Manuscrito G, ocorre pelo permanente

escoamento da libido erótica para o objeto erigido dentro do Eu, e que a anestesia, também proposta como característica da melancolia, se dê pelos mesmos motivos, ou seja, por esgotamento dos investimentos eróticos que este objeto suscita. Assim, a realidade perderia seu valor de captura das moções pulsionais. ([www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0212058\\_06\\_cap\\_04.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0212058_06_cap_04.pdf) p.56. Acesso em 15/12/13)

Ainda que os limites entre sublimação e psicose narcísica pareçam tênues, em função de ambas extraírem suas forças da sexualidade, esta última atua de forma repressiva em relação a estes impulsos, gerando no indivíduo um aparente incapacidade para lembrar o fato desencadeador, dissociado que fica na confusão mental em que aparece e da expressão que os sintomas encontram para evidenciar sua presença no interior da psique. Ocorre um represamento do afeto, que o transforma em produto da mesma quantidade de energia que poderia ter sido empregada de outra forma. Na sublimação, pelo contrário, o que é dessexualizado é objeto e não a pulsão

Na realidade é o próprio Freud que, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930) questiona-se a si próprio se é possível desconsiderar até que ponto a civilização é construída sobre a renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente não-satisfação, quer seja pela opressão, ou por outro meio qualquer dos instintos poderosos.

[...] Essa ‘frustração cultural’ domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens; já sabemos eu é a causa da hostilidade que todas as culturas tem de combater. Ela também colocará sérias exigências ao nosso trabalho científico; aí teremos muito que esclarecer. Não é fácil compreender como se torna possível privar um instinto de satisfação. É algo que tem seus perigos, senão for compensado economicamente, podem-se esperar graves distúrbios.” (2011, p. 60)

O momento está a exigir de nós, um esforço no sentido de entender a forma pela qual a cultura se apropria de nossa satisfação instintual para por em circulação produtos culturais que aparecem como seus substitutos, no interior de nossas relações sociais.

Freud descreve o mecanismo que torna possível tal privação mediante a oferta de possibilidades que são colocadas à nossa disposição como substitutos. Assim ao mesmo tempo em que restringe, reprime e impõe sacrifícios desmedidos aos indivíduos, no que tange à sexualidade, a civilização obedecendo às leis de necessidade econômica, o faz para retirar desta pulsão, a grande quantidade de energia psíquica de que se nutre

para manter a comunidade, unindo seus membros entre si também de maneira libidinal, usando para isso todos os meios de que dispõe. Assim

A realidade mostra que a civilização não se contenta com as uniões que até o momento lhe foram permitidas, que quer unir também libidinalmente os membros da comunidade, que se vale de todos os meios favorece qualquer caminho para estabelecer fortes identificações entre eles, e mobiliza em grau máximo libido inibida na meta, para fortalecer os vínculos comunitários através de relações de amizade. Para realizar esses propósitos é inevitável a limitação da vida sexual. (FREUD, idem, 72-3)

Recorrendo a mecanismo semelhante a civilização também exerce controle sobre os impulsos agressivos presentes ao lado dos Eros no homem. Para estabelecer limites a estes instintos agressivos e assim mantê-los sob controle lança mão de métodos destinados a incitar pessoas à identificação e a relacionamentos libidinais inibidos em sua finalidade. O que leva Freud a ponderar que a sublimação dos instintos

É um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível, que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas ou ideológicas, tenham um papel tão significativo na vida civilizada. Cedendo à primeira impressão, seríamos tentados a dizer que a sublimação é o destino imposto ao instinto pela civilização. (idem, p.60)

Adorno (1993) é incisivo ao denunciar a utilização que a Indústria Cultural faz do processo de sublimação, transformando-o em neurose narcísica:

“ Para o intelectual, a solidão inviolável é a única forma em que ele ainda é capaz de dar provas de solidariedade. Toda colaboração, todo humanitarismo por trato e envolvimento é mera máscara para aceitação tácita do que é desumano. É com o sofrimento dos homens que se deve ser solidário, o menor passo no sentido de divertí-los é um passo para enriquecer o sofrimento” (p. 20)

### **BREVES CONSIDERAÇÕES**

A exigência de adaptação sem resistência a condições tão adversas, tende a negar os conflitos existentes entre o que se objetiva com o trabalho e o que efetivamente ele produz. Absorvido como mal geral, o processo em curso busca promover uma identificação imediata do indivíduo com o modelo de instância social que há muito tempo já se apoderou dos seus modos de comportamento.

Em lugar de promover catarse apresenta seu substituto, representado pelo ganho de prazer em que a maioria, se identificando por suas fraquezas, confere ao particular como exemplar da maioria, a noção de pertencimento ao coletivo por meio daquele efeito, ao mesmo tempo transfere para si o poder e a grandeza do coletivo. Identificação essa recebida desde o exterior e, por assim dizer, processada fora da dinâmica do próprio indivíduo, o que acaba por abolir a consciência genuína da emoção, o próprio impulso que nele deveria estar presente.

Ao negar as possibilidades de satisfação e prazer e, ao mesmo tempo fazendo aumentar situações onde experimenta desamparo, desproteção para com isso forjar a necessidade de identificação com a totalidade social, a Indústria Cultural cria as condições favoráveis para promover falsas identificações, que só deste modo poderão vir a ser realizadas.

Ainda que os docentes, enquanto membros da instituição social sejam, ao mesmo tempo, sujeitos e assujeitados, situação que favorece a reprodução da dominação, são essas mesmas condições objetivas que podem permitir que ações de resistência à dominação, venham a ser desencadeadas. Haja vista que, na condição de docentes submetidos às influências que a lógica da produção impõe, passam a ser executores e alvo de sua própria ação, o que permite também pressupor naqueles, uma contradição capaz de contribuir para reflexão crítica desta mesma realidade.

Por uma educação que rompa com modelo levado a efeito, no qual se realiza a censura subjetiva por meio de elaborações objetivas que visam dar ao sujeito a impressão de bem sucedido, enquanto que os que nela se envolvem permanecem indivíduos desamparados de sua própria expressão, enredados que estão na busca de pertencimento a uma cultura que já não mais existe, ele mesmo transformado em objeto pulsional das perversões engendradas pela Indústria Cultural com sua promessa rompida de promover satisfação.

O que assume relevância por colocar em evidência o papel das políticas públicas de estar voltadas para a educação enquanto formação de seres com objetivos verdadeiramente humanos. Formação de seres capazes de promover a transformação da realidade para benefício da própria humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada.**São Paulo: Ed.Ática, 1993.

\_\_\_\_\_ & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. **Burnout:sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação.** Cadernos de Saúde do Trabalhador  
[http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T16SF\(Educao\)/Burnout\\_Cartilha\\_CNTE\\_e\\_CUT.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T16SF(Educao)/Burnout_Cartilha_CNTE_e_CUT.pdf) Acesso em 14/12/13

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)** / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sigmund Freud: obras psicológicas : antologia.** Organizador Peter Gay. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

GOETHE, J. W. **Werther.** Tradução João Teodoro Monteiro. BIBLIOTEX, 2000  
[www.bidvb.com:2300/+.../werther%20-%20%20%20%20%20%20%20...](http://www.bidvb.com:2300/+.../werther%20-%20%20%20%20%20%20%20...) Acesso em 14/12/13.

[www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0212058\\_06\\_cap\\_04.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0212058_06_cap_04.pdf) p.56. Acesso em 15/12/13.